



FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO

RODRIGO SCHIAVON GUILLERMO

**CONCEITUANDO FAMILIAS e CASAMENTO NA VISÃO DE
HOMOSSEXUAIS DO SEXO MASCULINO**

Florianópolis

2015

RODRIGO SCHIAVON GUILLERMO

**CONCEITUANDO FAMILIAS e CASAMENTO NA VISÃO DE
HOMOSSEXUAIS DO SEXO MASCULINO**

Trabalho apresentado ao Familiar
Instituto Sistêmico como requisito
parcial para a conclusão do curso de
Especialização em Terapia Relacional
Sistêmica

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

Florianópolis

2015

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores Denise e João, que muito me ajudaram a evoluir ao longo do curso, tanto como profissional quanto como pessoa.

A minha mestra Cida, que além de ter me supervisionado durante todo atendimento em sala de espelho, me aliviava a angústia de como enfrentar os desafios acadêmicos e profissionais.

A minha querida amiga e supervisora Sônia que muito me ajuda e apóia.

Aos meus queridos colegas da “Simply the Best T12” Marcelo, Juzinha, Juliana, Mabel, Camila, Elisa e Gi que muito admiro e aprendo; que me proporcionaram momentos de risadas quando as coisas estavam cansativas, compartilharam confraternizações e viagens para os confins do Estado, que são amigos para a vida toda.

Ao meu namorado Guilherme que sempre está ao meu lado compartilhando a vida e dando força e incentivo para qualquer projeto meu.

A minha mãe que desde sempre acreditou em mim e apóia meus sonhos.

Ao meu pai que sempre me proporcionou as oportunidades de viver e obter crescimento profissional.

RESUMO

Esta pesquisa busca investigar as concepções a respeito de família, casamento, e a concepção do casamento gay em suas famílias de origem. Além disso, pretende-se buscar em suas histórias o que pensam sobre, como vêem e se percebem dentro deste contexto. O conceito de família no Artigo 226, parágrafo 3º da constituição de 1988 diz que: “Art. 1º É reconhecida como entidade familiar a convivência duradoura, pública e contínua, de um homem e uma mulher, estabelecida com objetivo de constituição de família”; Apesar disso, o Supremo Tribunal Federal já reconhece a união homoafetiva como entidade familiar. Portanto, surgiu a curiosidade de investigar o que pensam esses homens a respeito de como concebem a família e as implicações sociais relacionadas ao tema. Foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas focalizadas com o uso do gravador com posterior transcrição. O enfoque na elaboração das perguntas e o embasamento teórico tiveram como base a Terapia Relacional Sistêmica. A pesquisa mostrou que ambos os homossexuais têm uma visão de família tradicional, mas aceitam as diferentes formas de se relacionar; idealizam a noção de casamento, como sendo uma união estável com comprometimento mais afetivo que social. Ao pensar sobre o casamento gay, idealizam uma relação que não deve ter uma separação rígida de papéis a serem desempenhados e negociados. Apesar da relação e do casamento homossexual não ser um tema muito discutido em família, falam não acreditar que existe preconceito familiar relacionado a este tema. Com o estudo e desenvolvimento de pesquisas com este tema, famílias com homossexuais podem compreender melhor e se inserir na vida de seus familiares gays sem medo ou restrições de aproximação. Profissionais da saúde poderão se beneficiar também ao lidarem com pessoas homoafetivas, podendo tratá-los com o cuidado que merecem e ajudá-los a melhor se entender.

Palavras chave: família, casamento, homossexualidade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. OBJETIVO GERAL.....	07
2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	07
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
3.1. Homossexualidade: Construções Sociais.....	08
3.2. Hiv/Aids, um novo olhar.....	08
3.3. Do Pré-conceito ao Preconceito.....	10
3.4. Lutas e Conquistas Brasileiras.....	11
3.5. Pensamento Crítico e Consciência.....	12
3.6. Família: um Grande Universo.....	13
3.7. Configurações Familiares Através do Tempo.....	14
3.8. A Família como Fenômeno Social.....	14
3.9. Novas Funções e Papéis Familiares Dentro e Fora do Casamento.....	15
3.10. A Contradição da Evolução.....	17
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
- APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema principal o conceito de família e de casamento que homossexuais solteiros do gênero masculino apresentam. Trata-se de um tema pouco explorado na literatura científica, pois até os dias atuais houve muito tabu em tona da homossexualidade, sobretudo no que se refere à constituição de famílias homoafetivas.

Observando como a sociedade atualmente ainda demonstra bastante preconceito e pré-conceitos contra homossexuais, por muitos ainda dizerem ser um desvio das normas sociais, religiosas e biológicas, um afronte ao considerado normal ou um ato de promiscuidade, além de observar a violência física e moral que sofrem, surgiu o interesse em investigar o que pensam estes jovens a respeito da formação de laços familiares, ou seja, como concebem a família e o ato de casar. Também se pensou em investigar como pensam os pais e familiares dos entrevistados sobre o tema, na perspectiva dos participantes, pois os conceitos e aprendizados são co-construídos sistemicamente através do diálogo e da intersubjetividade das relações (Vasconcellos, 2002), assim como as heranças transgeracionais da cultura familiar e as trocas com o contexto e as pessoas que dele fazem parte.

O embasamento teórico utilizado foi a Teoria Relacional Sistêmica que visa o todo maior que a soma das partes, focando nos sistemas inter-relacionais com os outros e o contexto. Como este tema é pouco pesquisado, este trabalho também tem como objetivo ampliar a literatura científica a respeito dos homossexuais e orientar a sociedade e profissionais a como compreender a comunidade gay e tratá-los com a dignidade e os direitos que merecem.

Portanto, parte-se da pergunta de pesquisa: **Qual o conceito de família e casamento referido por homossexuais do sexo masculino solteiros?**

2. OBJETIVO GERAL

- Compreender como homossexuais do sexo masculino concebem a família.

2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o conceito de família e de casamento para estes jovens;
- Caracterizar como entendem a formação de uma família e os papéis do casal;
- Identificar qual a concepção dos pais e da família de origem, em geral, sobre casamento homossexual na visão destes jovens.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Homossexualidade: Construções Sociais

Para podermos entender como os gays são vistos pela sociedade, quais as concepções de família, casamento e os papéis do casal que eles têm, vê-se necessário fazer um breve histórico da homossexualidade, buscando desde a origem até os dias atuais. Historicamente, a homossexualidade sempre existiu e era aceita, respeitada e praticada tanto por povos selvagens quanto em civilizações antigas como gregos e egípcios. Foi também associada com práticas militares e religião, tendo como crença que o esperma continha nobreza, fazendo com que a força heróica fosse transmitida através dele (Mascotte, 2009 *apud* Martins, 2010). Como a relação homossexual tinha prestígio e representava a troca de saberes, esta era incentivada e praticada principalmente por intelectuais e pessoas com cargos de destaque na sociedade (Martins, 2010). A relação sexual entre pessoas do mesmo sexo começou a ser vista como fato social atípico e reprovável quando houve o surgimento das práticas da religião católica. O catolicismo pregava que somente relações abençoadas pelo casamento tinham validade, pois seria no caso a única forma de provar para a sociedade que sua relação era digna de ser aceita por todos, inabalável aos olhos de Deus (Pinheiro, 2005 *apud* Martins, 2010). Com esse repúdio aos homossexuais, com o passar do tempo novos problemas começam a surgir.

3.2. Hiv/Aids, um novo olhar

Quando a homossexualidade era mais vista como um desvio social de caráter, sem ser dada praticamente nenhuma importância para o assunto, os grupos homossexuais tinham como objetivo principal a proteção e união de seus membros, devido ao estigma e preconceito sofrido pela sociedade (Uziel et AL., 2006), o que os deixava mais vulneráveis. Com a chegada e crescente epidemia da Aids dos anos 1980 e 1990, a sociedade se viu de frente a uma maior divulgação da doença que, pelo fato desta ter eclodido primeiro nos grupos homossexuais, foi erroneamente estigmatizada como “câncer gay”, aumentando o preconceito e intolerância, já que pressupunha promiscuidade sexual. Por ser algo novo e diferente do que era habitual, conflitou com o ideal de família tradicional da época, pois de acordo com Bourdieu, (2003) *apud* Uziel

et al., (2006) esta constituiria uma entidade unida, integrada, unitária, estável, constante. Em contrapartida, proporcionou maior visibilidade para estes grupos (Uzielet al., 2006).

Apesar de, por muito tempo, a homossexualidade ser um tema “proibido”, Gouveia e Camino (2009) citam que com o crescimento do índice de Hiv/Aids foi necessário se falar sobre o assunto para buscar soluções para o problema; um deles foi o inicio do debate para a legalização da união homoafetiva¹. Dessa forma, como produto deste debate, o primeiro país a permitir a legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo foi a Holanda em 2001, seguido pela Bélgica (2003), Canadá e Espanha (2005), África do Sul (2006), Noruega e Suécia (2009), Argentina Islândia e Portugal (2010), Dinamarca (2012), Brasil, França, Nova Zelândia e Uruguai (2013), Escócia, Inglaterra, Luxemburgo, Finlândia e País de Gales (2014), Irlanda e Estados Unidos (2015). Apesar da legalização em alguns países, isso não foi suficiente para acabar com o preconceito sofrido por estas pessoas.

¹ O termo “homoafetividade” surgiu em contrapartida ao que se pensava em relação aos homossexuais: desejos puramente eróticos ou luxúria, e não verdadeiros sentimentos, pois a relação entre duas pessoas do mesmo sexo pode existir com base no mesmo afeto e amor romântico que nos casais de sexo oposto (Vecchiatti, 2013 *apud* Costa e Nardi, 2015)

3.3. Do Pré-Conceito ao Preconceito

Doise (1972) *apud* Gouveia e Camino, (2009) fala que o preconceito é uma construção coletiva e seu nascimento não estaria na falta de informação sobre o assunto, pois como há um receio que haja quebra nos padrões estereotipados previamente conhecidos, o preconceituoso evita buscar informações sobre o alvo do seu preconceito, permanecendo ignorante ao assunto preenchido de pré-conceitos destrutivos.

Quando pensamos em fatores contribuintes para a rejeição e exclusão dos homossexuais, assim como a invisibilidade e privação de direitos constitucionais, como a constituição de família e casamento, por exemplo, é importante citar Gouveia e Camino (2009), pois estes autores discutem como a concepção de família está atrelada à constituição biológica, considerada “natural”, formada por homens e mulheres que têm a capacidade de gerar filhos. Contribui para esta ideia, padrões e doutrinas religiosas conservadoras; portanto, de acordo com Gouveia e Camino (2009), citando Touraine (2004), esta diferença de configuração familiar, implementada pelo casamento gay, poderia representar uma ameaça aos valores tradicionais já conhecidos, afetando sua autoestima através de violência física e moral, assim como sexual. Os valores tradicionais e sociais como sistema de crenças rígidas segundo Rokeach (1973; 1981) *apud* Gouveia e Camino (2009), são organizados e entendidos conforme o grau de importância atribuído para cada um, e serve para a organização e orientação do sujeito. Os autores apontam como possível principal fonte de intolerância não o preconceito racial, gênero, etc, mas sim a dessemelhança de crenças.

[...] o estigma de ser homossexual pode levar ao estabelecimento de uma identidade secreta, ou uma fusão com outros na comunidade gay e ao rompimento com o mundo heterossexual. [...] Muitas vezes, a família de origem tende a vê-los como perpétuos adolescentes. É necessário um esforço especial de sua parte para receber o adequado reconhecimento de suas transições no relacionamento (McGoldrick, 1995, p. 192).

Nos dados fornecidos pelo senso do IBGE de 2010 consta que a família pode ser definida como um grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco que vivem numa unidade doméstica. Essa unidade doméstica pode ser de três tipos: unipessoal (quando é composta por uma pessoa apenas), de duas pessoas ou mais com parentesco ou de duas pessoas ou mais sem parentesco entre elas. Além disso, houve crescimento na quantidade de pessoas vivendo sozinhas e de famílias regidas por mulheres. Outro dado importante é que cada vez mais o modelo tradicional familiar tem sido modificado, pois

as famílias hoje contam com crianças advindas de outras relações (famílias recasadas), assim como casais que decidem morar junto sem se casar, como também casais homossexuais com ou sem filhos. Apesar disso, ainda existem grandes dúvidas e resistências com a quebra da configuração tradicional da família, e quando se trata de homossexuais, a questão da não adesão a certos valores sociais, como argumentam Gouveia e Camino, (2009, p. 49), pode colocar a categoria homossexual em uma posição social dissidente perante o que se entende como masculinidade, pois foge da “ordem natural das coisas”, tentando assim explicar que o grupo alvo mais reprimido são os homossexuais do sexo masculino, pois adotam comportamentos tipicamente representados pelo sexo “oposto” (Spencer, 1999 *apud* Gouveia e Camino 2009).

Como há a questão da virilidade masculina, que é construída socialmente, as pessoas podem interpretar os comportamentos dos homossexuais masculinos como uma afronta a esta cultura, desprezando toda a valorização estereotipada referida a estes homens, quando estes podem interpretar como formas diferentes de viver sua masculinidade (Welzer-Lang, 2001 *apud* Gouveia e Camino, 2009). Existem países com mais tolerância aos homossexuais e outros com menos, mas a história do Brasil, apesar de ser um dos países que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo, também foi marcada por dificuldades de conquista de direitos iguais até tal momento.

3.4. Lutas e Conquistas Brasileiras

No Brasil surgiram alguns grupos que lutavam pela causa gay, dentre eles o “Grupo Somos de Afirmação Homossexual” (SP) nos fins da década de 70. O grupo surgiu com o objetivo de ajudar pessoas que gostariam de assumir sua orientação sexual, encontrar semelhantes, afirmar a homossexualidade (Câmara, 2002 *apud* Uziel et al., 2006)

Mais adiante aparecem os grupos Triângulo Rosa e Atobá no Rio de Janeiro e o Grupo Gay da Bahia (GGB). Um dos fatos históricos importantes a citar foi o movimento do grupo Triângulo Rosa para a reivindicação da inclusão na Constituição Federal do uso da expressão “orientação sexual”. Segundo Facchini (2004) *apud* Uziel (2006), o GGB fez a proposta, encaminhamento e campanha para que fosse feita uma lei cujo termo “opção sexual” fosse criminalizado, pois você não escolhe por quem se atrai

sexualmente. Ainda nesta época, o mesmo grupo coordenou uma campanha para que a homossexualidade fosse retirada do Código de Classificação de Doenças do Inamps. Assim como o termo “opção sexual” foi criticado, a palavra homossexualismo também precisou ser avaliada, “pois assim como na sociedade, no campo científico, o conceito de homossexualismo também sofreu alteração. Em 1985, deixou de constar o termo homossexualidade no art. 302 do Código Internacional das Doenças - CID – como uma doença mental. Na última revisão de 1995, o sufixo “ismo”, que significa doença, foi substituído pelo sufixo “dade”, que significa modo de ser” (Mascotte, 2009, p. 01 *apud* Martins, 2010).

3.5. Pensamento crítico e consciência

Ainda nos dias de hoje, apesar do espaço conquistado e a maior visibilidade dos homossexuais, ainda existem muitas crenças errôneas associando homossexualidade com crimes, tais como pedofilia, estupro e assédio sexual, fazendo com que muitas pessoas com a orientação sexual homo sofram severas perdas sociais, como demissões, exclusões de grupos, falta de oportunidade e pré-conceitos intelectuais, pois “se a discriminação por orientação sexual passasse a ser punida como crime, a associação entre homossexualidade e criminalidade seria completamente revertida.” (Câmara, 2002, p. 112 *apud* Uziel et al., 2006, p. 209).

Gouveia e Camino (2009) citam um levantamento bibliográfico feito por Peplau e Fingerhut (2007) que constata os casais homossexuais apresentando questões relacionais semelhantes aos casais heterossexuais. Como muitos pensam, não são solitários ou confusos emocionalmente, e além de tudo, não existe a questão da representação de papéis essencialmente masculinos e femininos em questões de poder ou afetivas quando se pensa no casal, ou seja, “*as relações entre pessoas do mesmo sexo são mais “familiares” do que muitas pessoas pensam, muito embora estejam expostas a problemas de desajuste tanto quanto os relacionamentos entre pessoas de sexos diferentes*” (Peplau e Fingerhut, 2007 *apud* Gouveia e Camino, 2009 p. 57). Todas estas formas de violência e preconceitos podem gerar doenças psicossomáticas, auto-depreciação e até mesmo suicídio. Quanto menos tolerância e pensamento crítico, maior a dor e o sofrimento destas pessoas.

3.6. Família: Um grande universo

Quando se pensa em família, lembra-se da configuração nuclear “pais e filhos”, pois ter filhos era considerado uma forma de legitimação moral, social e jurídica desta família (Souza, 2006 *apud* Santos, Scorsolini-Comin e Santos, 2013), além de soar como um desenvolvimento “natural” da humanidade, como sendo necessário para a saúde física e mental de cada um (Fonseca, 2009).

De acordo com McGoldrick (1995), para definir famílias devemos pensar em alguns fatores como o estágio do ciclo de vida e suas respectivas tarefas, assim como cultura, crenças e tradições. A forma como as diferentes famílias se percebem e percebem as outras, origina-se principalmente na herança transgeracional de cada cultura, dependendo desde sua posição geográfica até raça e hábitos, como comer, se vestir e etc. McGoldrick (1995) fala da diferença de culturas orientais e ocidentais, como mais uma categoria divisória; a história atribuída ao longo do tempo pautada ou por tragédia e humilhação, como a raça negra e indígena até chineses e italianos. “Falar de família é evocar um conjunto de valores que dota os indivíduos de uma identidade e a vida de um sentido” (Fonseca, 2009, pp. 58,59). Dependendo destes fatores, a família nuclear pode ser considerada tanto os descendentes quanto a família extensa (avós, tios, primos), ou até mesmo uma comunidade inteira. Apesar das diversas formas de se interpretar família, existiu um modelo inicial que um dia foi considerado único como base de configuração familiar, e para muitos, inclusive para o Código Civil ainda o é.

Para Martins, McNamee, Lorenzi (2015) o conceito de família deve ser visto como uma construção social não definida com um significado somente, mas sim como uma produção de sentido construída através dos discursos, idéias e conceitos de cada um dentro de cada cultura e sociedade. Os autores trazem que o conhecimento é um produto de negociação (p.11) cujas pessoas através de conversações discutem, concordam ou discordam sobre determinado tema, atribuindo um sentido sobre tal assunto, como o conceito de família, por exemplo.

Partindo deste pressuposto, é inadmissível a decisão tomada pelo Estatuto da Família Brasileiro que estava em discussão no Congresso Nacional, pois determinou que o conceito de família somente pode ser determinado pela união entre um homem e uma mulher, através da união estável ou casamento, ou por comunidade formada por

seus pais ou descendentes (filhos). Ao definir o conceito de Família como uma única forma possível, todas as outras construções sociais criadas e interpretadas divergentes deste conceito são eliminadas. Portanto “toda vez que tentamos definir família, estamos recorrendo a vocabulários socialmente produzidos, situados em tempos históricos específicos e que nos permitem produzir *versões* do que uma família pode ser. Assim, tentar chegar a uma definição verdadeira do que a família *essencialmente é* torna-se uma tarefa fútil sem fim possível neste contexto” (Martins, McNamee, Lorenzi, 2015, p. 17).

3.7. Configurações familiares através do Tempo

O modelo tradicional idealizado de família aproxima-se da chamada “Família Burguesa”, como diz Biasoli-Alves (2009) citando Nicolaci-da-costa (1991) que se origina do século XVIII na Europa e, posteriormente no Brasil, no século XX consolidando-se como padrão da Família Contemporânea (D`Incao, 1992 *apud* Biasoli-Alves, 2009). Este conceito de família burguesa surge com a ascensão da doutrina e dos dogmas cristãos, que considerava o ato de casar perante a igreja como único modo correto de se portar frente à sociedade. Dessa forma, as pessoas sofriam coerção temendo o divino, pois somente assim alcançariam os céus; como consequência, qualquer outra forma de relação ou configuração familiar acabava “marginalizada” (Martins, 2010). O modelo patriarcal de família brasileira tinha como característica do papel feminino servir somente para reprodução e afazeres domésticos e os filhos eram desprovidos de importância, cuidados físicos e higiênicos, sofrendo diferenciação pelo sexo (Caldana, 1998 *apud* Biasoli-Alves, 2009). Com a consolidação do Movimento Higienista no século XIX, a mulher passou a ser mais cuidadosa com sua aparência e higiene, tornando-se disciplinadora dos filhos, que passaram a ter um papel central na família, juntamente com o modelo rígido de controle de comportamento partindo da escola (Biasoli-alves, 2002 *apud* Biasoli-Alves, 2009). Assim, inevitavelmente, as configurações familiares começam a passar por um processo de transformação.

3.8. A Família como fenômeno Social

Com o passar do tempo e o desenvolvimento da sociedade frente à urbanização, capitalização e desenvolvimento da classe média, este modelo tradicional idealizado de família parece ter sido adotado como a única estrutura adequada, cujos papéis de adultos

jovens e crianças permaneça cristalizado sem possibilidade de mudança. Há uma exigência que os padrões comportamentais sejam adaptados ao modelo tradicional, reproduzindo os mesmos valores e padrões previamente conhecidos. (Biasoli-Alves, 2009).

Ao passo que estudos e análises feitas por psicólogos, médicos, entre outros pesquisadores começaram a ganhar mais espaço para o estudo de famílias (Biasoli-Alves, 2009) na década de 80 (Gilliss et al., 1989 *apud* Elsen e Althoff, 2009), outros pesquisadores partem para a análise de como as configurações familiares se transformam através do tempo.

Carter e McGoldrick (1995) comparam a diferença nos papéis e conceitos de família da atualidade para a geração passada, cujo índice de natalidade diminuiu e a taxa de divórcios aumentou, assim como o significado atribuído ao cuidado dos filhos, que muitas vezes ocupava praticamente toda a vida ativa dos progenitores. Atualmente esta preocupação acaba antes, pois os filhos tornam-se independentes mais cedo para começar a fazer suas vidas. Desta forma os pais, ainda adultos maduros, têm mais tempo para aproveitarem a vida sem ficarem tão preocupados com os cuidados dos filhos. Para Fonseca (2009), alguns autores citam que a partir da revolução industrial o afeto passou a ser considerado como base na formação da família. A cultura onde o casal deveria pensar em ter muitos filhos, cujo propósito servia para ajudar na mão de obra das empresas familiares começa a cair, e a possibilidade de ter filhos ou de poder escolher seu próprio cônjuge deixa de ser necessidade e passa a ser mediado pelo desejo.

3.9. Novas funções e papéis familiares dentro e fora do casamento

Como a família passou a não ter mais seu funcionamento somente em torno da criação dos filhos, alguns casais começam a questionar a funcionalidade da relação, seja ela um casamento legal ou não. Whitaker (1995) define o desejo de casar por uma necessidade humana de evitar a solidão, de não permanecer incompleto. O autor traz alguns exemplos de casamentos heterossexuais, os quais nomeou de: casamento heterossexual do tipo homossexual (há disputa de poder), casamento heterossexual do tipo pervertido (sem sexo e sem agressividade) e também o casamento heterossexual do tipo extraconjugal (o sexo é presente e intenso, mas as relações interpessoais são quase

inexistentes). Em uma relação de homem e mulher, ambos podem possuir masculinidades e feminilidades, e estas estão inter-relacionadas. Portanto, dentro da relação, as diferentes formas de combinação dependem de como são interpretadas e atuadas independentemente do gênero de cada um.

“O casamento também possui algumas funções, como aumentar o nível do metabolismo (homeostase), das emoções vivenciadas através da relação; desencadear a tensão, aumentar a ansiedade e os seus efeitos positivos e negativos” (Whitaker, 1995, p. 25). Pessoas que não casam, diz o autor, têm mais riscos de permanecer “grudados” com a família de origem sem conseguir sofrer a diferenciação, conceito este definido por Bowen (1979), como o processo de desvincular-se do papel de filho dependente para alcançar sua independência emocional, tornando-se livre para realizar suas próprias conquistas. Outra necessidade inconsciente que pode ser buscada no casamento é a transferência, mas não pelo simples fato da necessidade de encontrar resolução para frustrações passadas, pois:

Costumamos falar como se fosse simplesmente o fato de um sujeito se casar com a própria mãe. Mas não é isso. Penso que há aspectos dessa mãe que ele procura porque precisa deles. Mas a moça que ele escolheu pode ter certas características do pai ou do avô, e que o atraíam (Whitaker, 1995, p. 27).

Outras questões a serem pensadas, citam Carter e McGoldrick (2009), é o fato de que em gerações passadas, a mulher era vista unicamente como reprodutora e encarregada dos serviços domésticos (Biasoli-Alves, 2009) e o papel profissional era deixado para o marido e os filhos. Com as novas configurações sociais, a mulher agora pode escolher trabalhar fora, explorar novas competências e até mesmo escolher não ter mais filhos, pois com a chegada da pílula, podiam ter mais controle e poder de decisão para escolher e planejar sua gravidez.

Para os homens, o tempo cronológico de idade era importante para a realização de sua função como provedor, mas hoje em dia também não é mais assim. Mesmo as mulheres que escolhem a convivência do lar, passam pelo processo de maternidade mais rapidamente do que na geração passada, e podem sofrer com o “ninho vazio” que se dá quando os filhos deixam a casa e buscam viver suas vidas. Apesar dos homens viverem em concomitância satisfatória a vida familiar e a profissional, as mulheres ainda apresentam um conflito ao unir esses dois temas, assim demonstram mais insatisfação com a ideia de casamento (Bernard, 1972 *apud* Carter e McGoldrick, 1995). Atualmente

as mulheres pensam além do casamento, não só em termos de carreira, mas em qualidade de vida pessoal. Com a mudança dos padrões familiares, muitas vezes com a saída dos filhos na busca por uma carreira, ou com a morte do marido, as mulheres se permitem pensar em divórcio, o que antigamente era proibido até o advento da Constituição Federal de 1988 (Barreto, 2006 *apud* Martins, 2010) e recasamento, posto que muitas vezes o casal vive junto, mas sem estar casado. Todas estas novas configurações a respeito do ciclo de vida familiar através do tempo demonstra que há uma maior valorização da ideia de viver uma terceira idade com saúde e conforto (Carter e McGoldrick, 1995).

Tendo em vista todos estes fatores, Fonseca (2009) comenta que o modelo tradicional de família (único e imutável) para as gerações passadas já não cabe mais, pois passa a ser mais importante o afeto existente entre as pessoas (Barreto, 2006 *apud* Martins, 2010).

A família pós-moderna não é um novo modelo de vida familiar equivalente ao da família moderna, [...] mas, sim, o estágio nessa história onde a crença numa progressão lógica de estágios se desmancha. [...] “a” família pós-moderna avança e recua para dentro de um futuro incerto (Stacey, 1992, p. 94 *apud* Fonseca, 2009, p. 58).

Conforme Fonseca (2009), o modelo patriarcal de “casa grande nordestina”, elaborado por Freyre (1978), deixou de representar as configurações da família brasileira. Com a falta do “tradicionalismo” previamente conhecido e um modelo não fixo, mas bastante variável, alguns autores apontam justamente que a falta de algo fixo pode representar o conceito pós-moderno de se pensar famílias. Apesar das novas configurações familiares, devemos também pensar em alguns efeitos colaterais gerados a partir destas mudanças

3.10. A Contradição da evolução

Com o aumento das oportunidades e tecnologia, os jovens casais acabam se afastando da família de origem, pois muitas vezes deixam suas cidades em busca de um melhor padrão de vida (Biasoli-Alves; Zamberlan, 1996 *apud* Biasoli-Alves, 2009);

Devido a entrada da mulher no mercado de trabalho, concomitante com sua busca por novas formas de valorização, o valor social na questão de criar os filhos vem decrescendo (Noccolaci-da-Costa, 1991 *apud* Biasoli-Alves, 2009), fazendo com que

cuidar de crianças seja cada vez mais uma herança perdida e uma profissão rentável (Bronfenbrenner, 1985, 1995 *apud* Biasoli-Alves, 2009);

O aumento da exigência na manutenção dos filhos em relação ao estudo e ao conforto da família, sendo que a relação entre pais e filhos torna-se mais próxima do que autoritária (Arraigada, 2000; Bronfenbrenner, 1985 *apud* Biasoli-Alves, 2009); Com a enorme produção de trabalhos e saberes científicos, a dificuldade de saber como agir, principalmente na criação dos filhos, tem trazido insegurança em como agir em diferentes situações, como nas relações interpessoais (Biasoli-Alves; Caldana; Dias da Silva, 1997 *apud* Biasoli-Alves, 2009). Portanto:

Já não é mais possível fixar um modelo familiar uniforme, uma vez que a família passa por uma mutabilidade inexorável, apresentando-se sob tantos e diversos prismas quantas forem as possibilidades de se relacionar. Ela deixa de ser compreendida como núcleo econômico e reprodutivo e passa para uma compreensão sócio-afetiva, como novos padrões e arranjos familiares, que refletem de forma significativa em vários setores como a arte, ciência, religião, moralidade, educação, direito, política, vida familiar, etc (Mascotte, 2009, p. 04 *apud* Martins, 2010).

Contudo, devemos tomar cuidado com alguns pré-conceitos, como cita Biasoli-Alves (2009): conceber a existência somente um modelo ideal de família e qualquer outro deve ser visto como “desestruturado”, ou a família não tem recursos para se autorregular; suas práticas e costumes não servem mais aos dias de hoje, são inferiores. Portanto, devemos estar atentos as diferentes formas ou concepções familiares nas diferentes culturas ou classes sociais, pois “chegou a hora de profissionais desistirem do apego aos antigos ideais e colocarem uma moldura conceitual mais positiva em volta daquilo que existe: casamentos com dois salários; estruturas domésticas permanentes de “progenitor solteiro”; casais não casados e casais recasados; adoções por progenitores solteiros; e mulheres sozinhas de todas as idades.” (Carter e McGoldrick, 1995, p. 15). Sem esquecer também dos casais homoafetivos com seus direitos de adoção e casamento civil, que não é mencionado na citação anterior.

A seguir apresentar-se-á os procedimentos metodológicos da pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva de abordagem qualitativa. Os participantes foram dois homossexuais solteiros (sem nenhum tipo de vínculo ou relação amorosa) do sexo masculino entre 25 e 35 anos de idade. A escolha do período de idade dos entrevistados foi proposital ao período do ciclo vital que se encontram: transição da fase de adulto jovem para a de adulto maduro, pois é uma fase em que, teoricamente, começa a busca por novos caminhos e novas escolhas características da emancipação do jovem em relação a sua família de origem.

Estes responderam a uma entrevista realizada a partir de um roteiro semiestruturado (Apêndice A). A entrevista, segundo Junior e Junior (2011) *apud* Rosa & Arnoldi (2006), e Luna (1988), é uma forma de sistematizar um conhecimento prévio sobre determinado assunto a fim de se produzir um novo saber a respeito de uma área específica ou algum fenômeno. O tipo de entrevista empregada foi a focalizada (Gil, 1999 *apud* Junior e Junior, 2011), cujo método possibilita ao entrevistado falar livremente sobre o tema, mas mantendo um foco específico e não deixando o assunto desviar demais da sua proposta.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise dos discursos produzidos. Este tipo de análise tem como objetivo “realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos (...)” (Minayo, 2000, p. 2011). Assim sendo, através das falas do participante pode-se apreender os sentidos atribuídos aos objetos pesquisados.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para mais fácil leitura e entendimento, foram dados nomes fictícios de Gabriel (26 anos) e Ricardo (35 anos) aos entrevistados.

Quando questionados a respeito do que consideram família, têm prontamente respostas diferentes, mas ao mesmo tempo muito parecidas. Gabriel responde:

Nossa difícil. Quem você mora junto eu acho... Maior parte do tempo pelo menos.

Já Ricardo:

Família são as pessoas que realmente importam, são as pessoas que realmente te tocam, que tu farias de tudo pra proteger elas, ver elas felizes e bem.

Observando as duas respostas, pode-se constatar que, apesar de cada um ter uma resposta, ambos caracterizam de imediato o conceito família relacionado ao afeto, como dito por Fonseca (2009) ao caracterizar a família pós Revolução Industrial. As definições trazidas por eles que incluem as pessoas com quem você mora, divide o cotidiano do dia a dia, ou pessoas que com quem você se importa e quer proteger, remetem a questões que vão além da consangüinidade, laços construídos através da escolha.

Ainda questionando o conhecimento à respeito de configurações familiares, os entrevistados responderam que tipos de configurações familiares são conhecidos por eles. Ricardo comenta:

Eu sou bem amplo para este tipo de coisa, então uma configuração familiar do tipo mamãe, papai, filhote e periquito?

Neste trecho, Ricardo demonstra claramente como primeira impressão a configuração da família tradicional como visto por Biasoli-Alves (2009) citando Nicolaci-da-costa (1991), cujo modelo inicial tinha propósitos mais laborais e sociais. Mas em seguida, observamos como o conceito pós moderno de estruturação familiar trazido por Carter e McGoldrick (1995, 2009) e Biasoli-Alves (2009) está presente em ambos os entrevistados, assim como a aceitação do modelo tradicional, pois Ricardo comenta:

Acredito não existir muito essa questão de “configuração familiar”, pra mim família é quem tu escolhe ou quem tu gosta e quer proteger. Então família pode ser desde uma pessoa e um cachorro, ou pode ser mãe, pai e filhos, ou.. sei lá, dois amigos[...]Então pode envolver qualquer coisa tipo como falei, uma pessoa e seu animal até dois amigos ou até o que gostam de chamar de família tradicional né?

Gabriel responde:

O que eu considero que vejo em vários lugares, mas que não sei se está escrito oficialmente, pois tanto faz pra mim um casal gay ou não, uma mãe e uma filha que não tem pai presente. Qualquer variável que a pessoa viva e queira dizer que é a família dela, é aceitável.

Mesmo com o conceito de famílias, assim como as diferentes possibilidades de configurações atuais para estes jovens, pode-se observar um distanciamento entre os dois quando questionados a respeito de construir uma família para si próprios. Gabriel não comenta de relações anteriores, ou experiências amorosas, portanto sua definição de que tipo de família teria, ou o que poderia fazer para que isso se concretize acaba sendo um tanto quanto idealizada, pois responde:

Um marido basicamente, sem filhos a priori. Acho que é isso.[...] Acredito ser um cotidiano bem utópico, conviver na mesma casa, trabalhos. Um cotidiano normal.

Não foi aprofundando o que Gabriel acreditava ser um cotidiano “normal”, mas este modelo se aproxima bastante do modelo tradicional familiar. Ricardo parece desviar um pouco ao ser questionado sobre formar sua família, quase como se estivesse desconfortável para responder tal questão, pois:

Acho que de algum jeito já tenho uma família, tem meus amigos, tem minha família tradicional que é minha mãe e minha avó, mas tem a família que eu criei também que são meus amigos, pessoas que estão sempre comigo. Eu considero isso muito mais como família, até do que meus primos, por exemplo.

Percebe-se que há certo conformismo com sua configuração familiar atual, apesar de que considerar amigos como sua família é completamente aceito, mas ainda sim fez-se necessário investigar um pouco mais, pois a família de origem não vai durar para sempre e os amigos podem nem sempre estar juntos.

Claro, gostaria de ter alguém pra mim, pois atualmente eu sou sozinho e realmente queria ter um namorado pelo menos. Mas enfim, cada vez mais, conforme o tempo passa tu vai vendo que talvez isso não seja assim tão importante, ou talvez fosse ser uma dor de cabeça além dos benefícios. Então não sei, realmente tenho pensado bastante sobre isso ultimamente, não tenho realmente resposta pra isso, não sei se quero alguém neste momento. Eu sempre quis, mas ultimamente andei avaliando isso.

Aqui há alguns fatores a observar que justificam o suposto conformismo. Sua aparente frustração em encontrar alguém para ter uma relação estável pode estar atrelada a questões relacionadas com a história dos homossexuais. Uziel et AL., (2006) conta que no começo, os homossexuais tiveram que, primeiramente, se unir e se protegerem para lutar por seus direitos, o que se pode imaginar que questões relacionadas ao planejamento de vida a dois ficasse em segundo plano.

Tá bem complicado achar uma pessoa que tem hobbies, que lê livros, que escuta música e joga video-game, que tenha conteúdo sabe? As pessoas hoje se limitam muito a sobreviver e transar, por que no mundo geral é o que as pessoas fazem pra se divertir já que é uma coisa simples que agrada todo mundo e não tem muita necessidade de mais conteúdo. Difícil encontrar pessoas com passatempos não tão banais como sexo e balada ou sair pra jantar.

Por este trecho se vê ainda resquícios das construções sociais a respeito dos homossexuais, os quais durante muito tempo e pela falta de estabilidade como casal, ficaram vulneráveis tanto para DSTs quanto perante a sociedade. Assim nasce o “câncer gay”, como cita Uziel et AL., (2006), o que acabou estigmatizando os homossexuais para seres que “só pensam em sexo”, levando-os a cada vez mais se afastarem da sociedade heterossexual e serem vistos como eternos “adolescentes confusos”, como cita McGoldrick (1995).

Biasoli-alves (2009) em seu artigo comenta dos contrapontos do avanço tecnológico para a sociedade atual. Pode-se pensar em como os *sites* de relacionamento ou os aplicativos de celular também acabam facilitando, mas afastando as pessoas, pois cada vez há mais exigência, mais julgamento pela aparência e o culto pelo “corpo perfeito”. Isso pode ser observado tanto no meio gay quanto heterossexual, pois como Gouveia e Camino (2009) em seu texto falam de um levantamento bibliográfico

demonstrando que existem mais semelhanças do que diferenças em questões afetivas e relacionais entre casais homo e heterossexuais. Portanto, assim como a tecnologia pode ajudar, ela também pode levantar falsas expectativas e esperanças, assim como em Ricardo ao ser questionado em como acredita que poderia conhecer uma pessoa que ele acreditasse que seria ideal para se relacionar.

Uma formula mágica? Hahaha, acredito que não depende muito de mim, o que eu posso fazer estou fazendo, que é me deixar disponível em redes sociais ou até através de, sei lá me portar de uma forma que to disponível, mas não depende só de mim como falei, precisa das pessoas serem pelo menos um pouco interessantes, mas está difícil realmente encontrar alguém.

Ao falar de relacionamentos, eventualmente pensa-se em títulos para definir aquilo que é vivido, seja um namoro, romance, “amizade colorida” e até mesmo casamento. Mas o que realmente é “casar”? Whitaker (1995) diz que casamento é uma busca pela homeostase, que há a necessidade de se relacionar para crescer emocionalmente e também para resgatar ou reencontrar comportamentos que existiam na família de origem de cada um. Ao investigar que pensam os entrevistados a respeito do tema, trouxeram definições bastante abrangentes.

Acho que o conceito de casamento, da palavra propriamente dita, está basicamente atrelado a ação de unir. Unir-se a outra ou mais pessoas em uma série de patamares, socialmente, sentimentalmente, financeiramente, etc. Claro também que existem concepções diferentes de casamento com base em diferentes linhas de pensamento, como por exemplo casamento no sentido religioso, casamento no sentido legal, mas acho que uma vez fazendo parte de um grupo que não tem essas concepções ‘clássicas’ como uma possibilidade comumente possível, tendo a pensar no assunto de um modo mais universal.

Gabriel demonstra entender que apesar da existência do conceito clássico do casamento Civil e Religioso, também apresenta conhecimento a respeito de que casar pode ir além do ritual, uma união cujos interesses mútuos para trocar sejam tanto financeiros quanto emocionais, sem demonstrar necessidade de completude ou buscar vitar a solidão. Quando cita a concepção clássica de casamento, entende-se que Gabriel fala do casamento Civil, mas relata que fazendo parte do grupo dos homossexuais, esta

possibilidade não é possível. Talvez não tenha conhecimento que no Brasil casais gays podem casar desde 2013. Gouveia e Camino (2009) comentam que o “pontapé” inicial para o debate sobre a legalização do casamento homoafetivo foi o alto índice de crescimento do Hiv/Aids. Quem sabe, este pensamento de Gabriel quando cita que faz parte de um “grupo sem essas concepções clássicas”, pode ser herança destes reais motivos para a legalização inicial do casamento gay.

Ricardo parece ter uma visão mais simples quando fala sobre o assunto:

Para mim casamento é uma relação estável. Não coloco nenhum significado especial em cima. É mais uma palavra para “relacionamento estável”, assim como “namoro” ou “ficar”.

Pela sua fala, não atribui nenhum significado cultural ou ritualístico a respeito do tema, é também um pouco da visão de Gabriel, mas Ricardo engloba todos os processos relacionais (namoro, noivado, casamento) em um único patamar chamado “relacionamento estável”. Ao ganhar nomes diferentes, pensa-se no processo de evolução sentimental, ao passo que o casamento seria o estágio final desta evolução. Talvez para Ricardo, estar junto de alguém seja suficiente, e o crescer do sentimento não precise de nomes diferentes, mas sim de uma estrutura onde haja harmonia e compreensão em questões emocionais e de convivência.

Mesmo existindo estas concepções diferentes a respeito do que seria “casar”, para estes jovens, tratando-se da convivência cotidiana (casa, trabalhos, afazeres domésticos) pensando em um casal homossexual do sexo masculino, pode-se pensar na questão dos papéis que desempenhariam como casal. De acordo com Carter e McGoldrick (2009), historicamente a família funcionava da seguinte forma: O homem trabalhava para que a mulher fosse a dona de casa que cuida de seus filhos. Com o passar do tempo, o avanço da ciência e da tecnologia, a mulher começa a ganhar mais espaço fora de casa (trabalhando, cuidando mais de si) e podendo escolher se ou quantos filhos quer. Já homem ganha mais espaço dentro da casa (pode cozinhar, ajudar no cuidado dos filhos, relaxar mais já que há divisão do trabalho rentável). Os papéis do casal heterossexual mudaram bastante ao longo do tempo, sendo que homens e mulheres podem desempenhar as mesmas tarefas. Ao questionar Ricardo sobre o tema, o mesmo responde que:

Não acredito que existam “papéis” dentro de um relacionamento, mas sim uma troca de interesses mútuos. Você me completa e eu te completo, e juntos a gente vê o que faz para continuar assim.

Ricardo traz uma fala um pouco contraditória, pois quando fala em “completarem-se”, pode estar falando justamente na divisão de tarefas, portanto podem existir papéis dentro da relação, papéis iguais, assim é possível negociar quem faz o quê, e não mais se fazer necessário um “roteiro” pautado na questão de gênero. Ao serem divididas as tarefas de casa, assim como os compromissos diários, o afeto do casal, assim como a cumplicidade pode aumentar, trazendo sentimento de união e plenitude, pois Whitaker (1995) fala da necessidade que as pessoas têm de se sentirem completas, não sentirem que estão sozinhas e abandonadas no mundo. Sendo assim, quanto menos existir cumplicidade nas atividades práticas, maior pode ser o distanciamento emocional do casal.

Gabriel parece trazer um conceito parecido, mas baseado mais em habilidades, não em negociações:

Os papéis dentro de uma relação a meu ver são baseados na aptidão e possibilidade de cada um dos membros, não consigo imaginar um tipo de relação no qual cada membro tenha alguma obrigação fixa e que seja decidida de antemão. Acredito que esse tipo de decisão/atitude é algo natural e que todos os envolvidos na relação contribuam de maneira equivalente a priori para a manutenção da mesma.

Sua fala, apesar de conceber que existem aptidões pessoais de cada um, elimina a questão das tarefas atribuídas ao gênero ao falar sobre os papéis dentro da relação, o que pode deixar o casal mais livre para negociar como desempenhar as tarefas. Mas se há realmente para ele aptidões pessoais, será que realmente pode haver uma negociação? Pois pode não haver atribuições femininas e masculinas, o que pressupunha antigamente que mulheres tinham melhor aptidão para cuidar dos filhos e o homem para trabalhar. Então quem sabe a visão de Gabriel a respeito dos papéis ainda esteja pouco cristalizada quando falamos do poder igual de desempenhar tarefas, pois em sua fala comenta das possíveis habilidades pessoais (lavar a louça, trabalhar, cuidar dos filhos) que cada um pode desempenhar melhor, e não de atribuições exclusivamente masculinas e femininas. Portanto ao analisar sua fala quando cita a “manutenção da

relação” não fica claro se para ele realmente pode haver negociação na hora de desempenhar as tarefas diárias do casal.

Como citado anteriormente, as configurações familiares estão mudando. A família pós-moderna conta com novos papéis, avanços tecnológicos, poder de decisão e maiores possibilidades, seja em questões profissionais ou pessoais. Toda pessoa tem uma história e nasce dentro de uma cultura, cuja regionalidade, hábitos sociais, alimentares e religiosos, como traz McGoldrick (1995), podem estar pautados dentro desta evolução pós-moderna. Pensando nestas novas configurações, foi perguntado para os entrevistados se sabiam, ou o que acreditavam que seus pais e familiares pensavam a respeito do casamento homossexual, e se suas opiniões divergem ou convergem com as deles. Ricardo comenta que:

Minha mãe acha tudo lindo, acha tudo perfeito, acha que é isso mesmo, que os gays têm que se casar, têm que ser felizes. Ela sempre achou esse tipo de coisa. Minha avó, nunca conversamos sobre isso, mesmo porque quando conversamos ela fala que precisa de dinheiro, ou que não tem aquilo, aí ela começa a discursar sobre coisas do passado, minha avó tá velha né, tá gágá então, enfim[...]Minha avó acho que, assim, pelo que já vi das reações dela, ela parece ser uma pessoa de amor só. É porque sempre que ela vem falar comigo ela fala só pra eu cuidar com as minhas companhias, que ela quer me ver bem e feliz, mas ela nunca, não exige um.. tipo que eu me case, ou isso e aquilo.

Neste trecho podemos perceber que a mãe de Ricardo é a favor do amor e felicidade de cada um, incluindo relações homoafetivas. Podemos atribuir este pensamento às configurações atuais e ao desejo em manter a relação através do afeto, deixando de lado pensamentos sobre configurações familiares cuja única concepção de família é ligada a questões biológicas, como cita Gouveia e Camino (2009), cujo casal, formado por um homem e uma mulher, pode gerar filhos. Nunca conversou a respeito da homossexualidade ou casamento gay com sua avó, mas para ele existe uma crença de que ela pense em sua felicidade somente, sem se importar com questões matrimoniais ou de gênero. Como o pai de Ricardo não foi citado, pensou-se em perguntar onde ele aparecia em sua história:

Meu pai é uma história complicada, porque o meu pai é separado da minha mãe desde que eu tinha cinco anos, e durante muito tempo eu tive até minha adolescência um contato com ele, mas ele sempre foi o machão retrógrado, machão chato do tipo que eu tinha que come as putas e tinha que ficar com alguém, que tinha que ter as namoradinhas igual a ele, até que esse tipo de situação explodiu quando eu cheguei nos meus dezesseis e ele quis me levar num puteiro dai eu fiquei apavoradissimo e corri pra casa.

Como citam Gouveia e Camino (2009), existe uma maior cobrança com os homossexuais do sexo masculino em questões de comportamento, pois foge da “ordem natural das coisas”, cujos homens deveriam exercer um papel “testosteronizado” de força e poder. A homossexualidade masculina apareceria como um afronte a essa cultura machista, pois será no caso um homem com comportamentos do “sexo frágil” como diz Spencer (1999). Nos dias de hoje podemos observar que a mulher não tem nada de sexo frágil e demonstra todos os dias através de suas conquistas que esse conceito não cabe mais.

Além da suposição do sexo frágil, existem outras definições que eliminam esta generalização, são elas: orientação afetiva-sexual (por quem emocionalmente e fisicamente a pessoa se atrai), identidade de gênero (se você se sente homem ou mulher), expressão de gênero (é a maneira como a pessoa se expressa nas formas de agir, vestir e interagir) e sexo biológico (referente aos órgãos sexuais, hormônios e cromossomos). Portanto tanto o homem gay quanto homem hetero tem direito de agir e se comportar da forma que bem entende, pois todos os argumentos machistas são falhos e não cabem nos dias de hoje.

Ricardo decide, portanto, ficar afastado de seu pai, e termina seu relato dizendo:

Uma coisa que eu acho é uma citação que coloquei até no meu convite de formatura diz assim: “o culto ao passado é a certeza que a gente não tem nada melhor no presente”. É a admissão que não temos nada melhor no presente, então tipo eu tenho coisas melhores no presente, então pra que ficar cultuando o passado, pra que correr atrás dele? O passado é algo que geralmente eu deixo esquecido, prefiro não pensar sobre ele.

Em sua fala, Ricardo demonstra que prefere esquecer o que aconteceu e viver a vida sem memórias tristes, mas não deixa claro se realmente superou o preconceito do pai sobre a sua condição, pois pode-se supor, pelo tom de sua fala sobre o pai, que sofreu preconceito, apesar de relatar em outro momento a seguinte frase:

Eu sempre fui uma pessoa que nunca tive muito problema com preconceito, nunca tive que lidar tipo, as pessoas nunca vieram pra mim e me excluíram por causa que eu sou gay ou não, então pra mim é estranho quando as pessoas têm que lidar com esse tipo de coisa.

Gouveia e Camino (2009) citam Doise (1972) quando falam do preconceito como se originando de construções sociais. Este não seria pautado na falta de conhecimento sobre o tema, mas no repúdio a possíveis novas configurações, como por exemplo, o casamento homossexual. Segundo Touraine (2004), citado por Gouveia e Camino (2009), a aceitação destas novas formas de convivência conjugal e familiar “poderia ameaçar quebrar um padrão de crenças e práticas culturais socialmente conhecidas e aceitas, fazendo com que houvesse o desejo de exterminá-las a favor de manter a suposta “ordem estereotipada das coisas”.

Portanto, os motivos pelos quais Ricardo decidiu ficar afastado de seu pai podem ser ocultos para ele simplesmente pelo fato de não lhe fazer bem. Gabriel fala do tema de uma forma mais utópica:

Hmm, não sei se é um tópico que já discuti com alguém da minha família, mas não acho que eles tenham algum problema quanto a isso. Não é uma família que tem o pensamento tão retrógrado [...] em geral acredito que tenha muitas famílias com escolaridade não muito alta, por isso tem problemas com esse assunto. Acredito que quem tem um nível maior de escolaridade é mais esclarecido e não tem nada contra [...] somente os mais velhos acredito terem pensamento diferente por questões religiosas, crenças, etc, mas nada muito extremista.

Pela sua fala, Gabriel relaciona preconceito com nível social e idade, mas não são somente pessoas mais velhas que possuem crenças religiosas ou culturas extremistas e também ou pessoas de classes pobres que praticam o ódio por questões de raça, gênero e religião. Gabriel tem razão ao trazer questões religiosas atreladas ao preconceito, pois a igreja católica teve um papel importante para sua construção.

(2005) citado por Martins (2010), quem não seguisse os padrões ditados pela igreja não alcançaria o reino dos céus. Portanto não só os homossexuais sofreram preconceito, mães solteiras, prostitutas, divorciadas também sofreram o peso da discriminação. Outro fator a comentar é o nível social atrelado ao preconceito. Antigamente, segundo Martins (2010), a homossexualidade não era somente praticada como admirada em povos antigos como os Romanos, Gregos e Egípcios. A interpretação da prática homoafetiva do tempo histórico em questão era considerada como tal devido às construções sociais do significado da homossexualidade (Martins, McNamee, Lorenzi, 2015) que gerava uma produção do sentido do ato como algo honroso e necessário para a sociedade. Portanto, pessoas da época através dos discursos, idéias e conhecimento produzido, aceitavam a homossexualidade como parte de seus cotidiano, tanto que Mascotte (2009) citado por Martins (2010) citam que a honra e poder eram acreditados passar através do esperma e somente entre os homens.

Por fim, foi necessário investigar se para estes jovens conversar sobre este tema é importante para a sociedade e para eles mesmos, tanto como pessoas quanto como homossexuais. Gabriel e Ricardo respondem respectivamente:

Com certeza, pois quanto mais uma idéia é falada mais ela é ouvida e assimilada. Basicamente isso, porque às vezes a pessoa não quer escutar, mas com o tempo ela passa a entender melhor o assunto, mesmo que não concorde a priori.

Sim, é bastante importante inclusive em vários níveis, principalmente no nível de controle de doenças por exemplo. Uma vez casados, o casal gay tem mais estabilidade, ele deixa de ser promíscuo, e ele deixando de ser promíscuo, vai diminuir o risco deles contraírem doenças e espalhar doenças, então é também uma “aspirina social”, tipo pra sociedade ficar mais calma, mas aliviada, pra não ter tanto terror de doenças e outras coisas também associadas à nossa imagem.

Pelos relatos de ambos, Gabriel acredita nas lutas e na determinação de que cada vez mais os homossexuais vão ganhando espaço na sociedade para terem os mesmos direitos dos heterossexuais, o que é uma boa visão a respeito do tema trabalhado. Ricardo associa falta de estabilidade com promiscuidade, postando que quando um casal tem uma relação estável, deixa de ser promíscuo. A fala de Gabriel ao trazer o conceito de promiscuidade pode estar associada ao descuido ao manter relações sexuais com

mais de um parceiro; entretanto casais heterossexuais que podem casar desde sempre e são socialmente aceitos, também apresentam diferentes formas de promiscuidade. Mesmo promíscuos, casais podem atuar cuidadosamente sua promiscuidade, com o uso de preservativos, por exemplo, mostrando que nem sempre a transmissão de doenças está ligada ao ato promíscuo. Existem também as relações abertas, o poliamor, etc. Portanto, aparentemente existe certo preconceito em sua fala, pois considera a promiscuidade somente para os homossexuais.

Como já citado acima por Peplau e Fingerhut (2007), os desajustes entre casais com pessoas do mesmo sexo estão tão presentes quanto em casais com pessoas do sexo oposto, e podem ser tão ou mais familiares do que muitas pessoas pensam. Ou seja, pode-se concluir que a promiscuidade está ligada à pessoas e não a orientação sexual.

Quando Ricardo fala de “aspirina social”, podemos perceber a influência do começo da história do casamento homoafetivo, pois de acordo com Gouveia e Camino (2009), o verdadeiro propósito era diminuir a taxa de doenças e morte por pessoas com esta orientação e não por questões afetivas ou de direitos iguais. Não ficou muito claro quando Ricardo fala de adoção, mas aparenta não saber que homossexuais atualmente podem adotar como qualquer pessoa, individualmente, e não apenas como família.

Em resumo, pôde-se perceber que ambos entrevistados apresentam ideias e pensamentos atuais, apesar de certos medos e desconhecimento a respeito de alguns temas. Eles têm confiança no apoio da família e esperam um dia compartilhar a vida com alguém.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender qual o conceito que os homossexuais solteiros do sexo masculino têm sobre família, casamento e casamento gay, assim como o que imaginam que pensam seus pais e familiares sobre o tema. Pretendeu-se investigar também se havia em suas concepções, um processo para a busca da formação de suas próprias famílias e qual o papel que cada um exerceria na relação conjugal.

A partir das respostas fornecidas pelos participantes, pode-se concluir que existem tentativas pela busca do parceiro, mas também há uma idealização a respeito do

dia a dia do cotidiano e da relação em si. Os conceitos de família trazidos pelos participantes foram ao encontro do conceito da família tradicional, demonstrando também aceitação das diferentes formas de configurações familiares. O conceito de casamento também foge do ritual clássico conhecido pela sociedade, pois falam do casamento como uma união por desejo, sem a necessidade de convenções sociais.

Os resultados mostraram que os entrevistados, embora apresentassem tranquilidade ao responder, pareciam reticentes e pensativos. É como se nunca tivessem pensado nestes conceitos e não tivessem se visto nessa situação. Esta atitude em relação ao tema pode suscitar que o fato da sociedade em geral, ver com tanto preconceito a união gay, pode fazer com que os homossexuais vejam os temas de forma muito restritiva.

Este fato deve alertar pesquisadores, sobre a importância em estudar o tema, em pesquisas que incluam um número maior de participantes, pois o número reduzido foi devido à dificuldade de encontrar jovens que se considerassem solteiros (sem ficantes, ou namorados), pois a maioria tinha algum parceiro.

Por outro lado, servirá de alerta para profissionais na assistência destinada aos homossexuais em Serviços de Saúde e de Assistência Social, o que inclui o psicólogo, pois podem ter conhecimento da história e desafios passados por estas pessoas e utilizar como instrumento para a terapia, seja com casais homossexuais para ajudá-los a compreenderem um ao outro, ou também para orientar famílias com homossexuais, evitando assim o estigma e o preconceito sofrido pelos gays para que possam ser acolhidos em sua singularidade.

Para próximas pesquisas, viu-se necessário ir além. Realizar pesquisas com um número maior de entrevistados para buscar idéias mais amplas do tema e diferentes pontos de vista. Pode-se perceber a importância, também, de se pesquisar famílias com homossexuais, assim como homossexuais casados e homossexuais com filhos, pois como o todo é maior que a soma das partes, estas lacunas se evidenciaram, pois quanto mais estudos e pesquisas forem realizados, maior será a compreensão dos profissionais e da sociedade sobre este tema. Quem sabe assim, um dia a parcela preconceituosa da sociedade não estranhe este tipo de formação familiar e pare de virar o rosto ou até mesmo violentar estas pessoas. Espera-se que possam pensar a homossexualidade como

orientação sexual, e não como afronta aos heterossexuais, pois os homossexuais têm os mesmos desejos de amar, com o mesmo sofrimento da dor e o exato desejo de buscar a felicidade.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASOLI-ALVES, Z. (2009). Pesquisando e intervindo com famílias de camadas sociais diversificadas. In: WEBER, L; DESSEN, M. **Pesquisando a família** – instrumento para coleta e análise de dados. São Paulo: Juruá, 91- 106

BOWEN, M. **De la familia al individuo**: la diferenciación del si mismo em el sistema familiar. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1979.

CARTER, B; MCGOLDRICK, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar – uma estrutura para a terapia familiar. In: CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 7-29.

COSTA, A; NARDI, H. **O casamento “homoafetivo” e a política da sexualidade**: implicações do afeto como justificativa das uniões de pessoas do mesmo sexo. Santa Catarina: Revista Estudos Feministas, 23(1): 137-150, 2015.

CUNHA, M. **O Artigo 226, §3º da Constituição Federal e as uniões homoafetivas**. Rio Grande: Âmbito Jurídico, XIV, n. 84, 2011. Disponível em: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9022. Acesso em: 03 jul. 2015

FONSECA, C. (2009). Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. In: WEBER, L; DESSEN, M. **Pesquisando a família** – instrumento para coleta e análise de dados. São Paulo: Juruá, 55 - 68.

GOES, H. **Manual de direito previdenciário**. Rio de Janeiro: Ferreira, 7ªed, 2013.

GOUVEIA, R; CAMINO, L. **Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade**. São Paulo: Rev. psicol. polít. vol.9 no.17, 2009.

G1. **Suprema corte dos EUA aprova o casamento gay em todo o país.** 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/suprema-corte-dos-eua-aprova-o-casamento-gay-nacionalmente.html>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

G1. **Veja quais países já aprovaram o casamento gay.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/05/veja-quais-paises-ja-aprovaram-o-casamento-gay.html>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

IBGE. **Famílias e domicílios.** 2010. Disponível em: <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/familias-e-domicilios.html>. Acesso em: 09 jun. 2015.

JUNIOR, A; JUNIOR, N. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Minas Gerais: Evidência, v. 7, n. 7, p. 237-250, Araxá, 2011.

LEMOS, R. **Mais de 60 mil pessoas declaram ter cônjuge do mesmo sexo.** 2011. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/em-levantamento-inedito-mais-de-60-mil-brasileiros-afirmam-ter-conjuge-do-mesmo-sexo>>. Acesso em 10/08/2015.

MARTINS, P. **A família homoafetiva e seu legal reconhecimento.** Rio Grande: Âmbito Jurídico, XIII, n. 75, 2010. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7336>. Acesso em: 03 jul. 2015.

MARTINS, P; MCNAMEE, S; LORENZI, C. **Família como Realização Discursiva: Uma explicação Relacional.** Rio de Janeiro: Nova Perspectiva Sistêmica, nº52: 9-14, 2015.

MCGOLDRICK, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar.** 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 184-205.

_____. Etnicidade e o ciclo de vida familiar: o conceito de família. In: CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 65-83.

MINAYO, M. C. de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 2000.

SANTOS, Y; SCORSOLINI-COMIN, F; SANTOS, M. Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. São Paulo: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 26(3), 572-582, 2012.

SILVA, Pollyane; RITTO, Cecília. **A nova família brasileira**. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-nova-familia-brasileira-ibge/>>. Acesso em: 11 ago. 2015.

UZIEL, A; FERREIRA, I; MEDEIROS, L; ANTONIO, C; TAVARES, M; MORAES, M; ANDRADE, R; MACHADO, R. Parentalidade e conjugalidade: aparições no movimento homossexual. Porto Alegre: Horiz. antropol. vol.12 no.26, 2006.

VASCONCELLOS, M. J. E de (2002). **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus.

WHITAKER, C. (1995). As funções do casal. In: ANDOLFI, M; ÂNGELO, C & SACCU, C. (orgs). **O casal em crise**. São Paulo: Summus Editorial, 21-28.

■

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

- **O que é família para você?**
- **Que tipos de configuração familiar você conhece?**
- **Imagina, em sua vida, formar uma família?**
- **Como imaginas esta família?**
- **Como pensas que seria o cotidiano desta família?**
- **Como te imaginas ao longo da vida?**
- **Qual o caminho que acreditas que deva ser percorrido para formar uma família?**
- **Na Constituição Federal consta que é reconhecido como família somente a que é composta por um homem e uma mulher. O que pensas sobre isto?**
- **O que você imagina que seus pais e familiares pensam sobre casamento homossexual?**
- **Que atitudes dos seus familiares contribuem para que você acredite que eles pensem assim?**
- **Dentro de sua família, todos têm este pensamento? Se há alguém que pensa diferente, o que imaginas que faz esta pessoa pensar assim?**
- **Você concorda com as posições de seus pais/família? Que fatores contribuíram para você se espelhar nestas posições?**
- **Você acha importante debater sobre este tema?**

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é _____ e estou desenvolvendo a pesquisa cujo título é “ _____ ”, orientada pela **Profa.** _____, com o objetivo de investigar (colocar o objetivo geral do trabalho).

Este estudo é importante, pois poderá ajudar (*dizer aqui quais são os benefícios que a pesquisa trará*) em Terapia Familiar e áreas afins. Esperamos que esse trabalho traga benefícios para os profissionais que trabalham na intervenção psicológica com pessoas e famílias em diferentes contextos. Pedimos a gentileza de responder a (*questionário, entrevista, etc*), o que não trará nenhum risco para você. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente, pelo email _____ pelo telefone (48) _____. Se você estiver de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas (ou material coletado) serão confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

Pesquisadoras: Prof^ª. _____ e Aluno(a) _____.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui esclarecido sobre a pesquisa “ (*título*) ” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, _____ de _____ de 2010.

Assinatura: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

CPF: _____ RG: _____

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia



Parecer Técnico de Monografia

Para Familiare Instituto Sistêmico – Florianópolis, SC



Por Prof. Dr. Adriano Beiras

Psicólogo, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Psicoterapeuta Relacional Sistêmico (Especialização realizada no Familiare Instituto Sistêmico-Fpolis-SC), Doutor Europeu em Psicologia Social pela Universidad Autónoma de Barcelona (UAB), Espanha, Pesquisador do Grupo VIPAT-Violencia en la Pareja y en Trabajo (UAB) e Margens- Modos de Vida, Família e Relações de gênero (UFSC). Consultor no Instituto Noos-RJ. Editor Coordenador da revista Nova Perspectiva Sistêmica (editada pelo Instituto Noos-RJ)

Título da Monografia:

Conceituando famílias e casamento na visão de homossexuais do sexo masculino

Aluno:

Rodrigo Schiavon Guillermo

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

O texto apresentado traz uma pesquisa exploratória sobre o entendimento do que seria família e casamento por dois homossexuais solteiros do sexo masculino na região de Florianópolis. Trata-se de uma pesquisa exploratória inicial que busca estudar um campo ainda pouco pesquisado, propondo uma aproximação inicial à temática.

O estudo desenvolve um tema de grande atualidade e pertinente para o contexto de terapeutas de família, e que contempla discussões importantes na sociedade brasileira contemporaneamente. No

momento atual de discussão política e social sobre o conceito de família e o matrimônio igualitário, a temática ganha destaque. O texto faz uma contribuição inicial ao tema trazendo o histórico da questão brevemente e informações da pesquisa exploratória que podem gerar reflexões para terapeutas de família que se deparem com estas questões.

No que se refere à qualidade da redação e organização do texto, há necessidade de ajustes muito pontuais, no geral o texto está muito bem organizado e estruturado, claro e objetivo. Está bem organizado nos moldes solicitados para uma monografia, direto e com escrita adequada e fluida. O texto traz referências atuais de pesquisas e autoras e autores clássicos da temática, trazendo questões e discussões de forma adequada e variada, de forma a localizar o leitor ou leitora neste campo de estudo.

Recomenda-se revisar as normas de formatação (definindo APA ou ABNT em citações e referências). Em vias de um aprofundamento do futuro do texto, cuidar com o excessivo número de citações indiretas de autoras (apud). É preciso cuidar também com algumas frases que denotam generalização, inclusive no resumo, já que se trata de um estudo exploratório inicial e de casos específicos, que ainda não são suficientes para generalizações de uma população ou categoria em si.

O método utilizado foi bem escolhido e pertinente ao tema e tipo de estudo. Faltaria aprofundar mesmo que brevemente o tipo análise das informações coletadas, considerando que não se trata de uma "análise de discursos" como metodologia, e sim uma reflexão de determinados discursos dos entrevistados ou narrativas, analisadas em seu conteúdo temático, com reflexões sobre seus sentidos e significados, com apoio na literatura pesquisada. Seria, talvez, mais bem uma análise de conteúdo ou análise hermenêutica ou temática de narrativas. Valeria especificar como é realizada esta forma de análise a partir de autores/as clássicas deste formato metodológico. Recomendo sinalizar alguns. Ao final do texto seria pertinente apontar possíveis limitações da pesquisa.

Recomendo revisar algumas partes da discussão dos dados que podem ser mais bem discutidas e problematizadas, como a relação entre estabilidade, casamento e promiscuidade; nível social e preconceito, entre outras que podem ter uma melhor leitura sistêmica e multifatorial, evidenciando a complexidade destas questões e perigo de interpretações reducionistas.

Nas considerações finais, recomendo revisar a redação do primeiro parágrafo e cuidar com frases que podem denotar uma interpretação de generalização, considerando que se trata de uma pesquisa inicial exploratória com apenas dois entrevistados, como já mencionado anteriormente. Seria importante especificar também as possíveis limitações do estudo.

Considerando a grande influência do construcionismo social e dos estudos da linguagem e discurso no âmbito da terapia familiar e pensamento sistêmico, seria importante discutir o entendimento de família e também o de casamento como construções sociais que variam de contextos, regiões e cultura. Este entendimento pode ajudar na interpretação e reflexão das falas dos entrevistados e no uso destas informações em contextos clínicos. Há literatura recente abordando o tema desta forma em revistas especializadas de estudos de família, pensamento sistêmico e construcionismo social que recomendo revisar para o aprimoramento do texto.

Em suma, na medida em que se revise alguns dos pontos especificados anteriormente, o escrito atende aos requisitos propostos para o formato monografia. Portanto, recomenda-se a sua aprovação como trabalho final de conclusão do curso de Especialização em Terapia Relacional-Sistêmica da instituição em questão, Familiare Instituto Sistêmico.

Para os efeitos oportunos, firmo o presente documento,

Atentamente,



Adriano Beiras

Florianópolis, 01 de outubro de 2015.